

# CORREIO BRAZILIENSE

## Operação desmonte

16 AGO 1990

A Operação Desmonte, publicada com exclusividade pelo CORREIO BRAZILIENSE, está causando pânico entre os políticos governistas, especialmente os que têm se valido do erário em suas submissas carreiras. A hipótese de vir a ser adotada, por isso mesmo, é muito remota. A celeuma que provocou, no entanto, é salutar para o processo de conscientização da opinião pública.

O que a Operação Desmonte pretende, em resumo, é o término de programas inocuos e paternalistas, de eficiência duvidosa. A administração brasileira tem como característica básica a confusão. Há alguns anos o ex-senador Gilvan Rocha, de extraordinária passagem pelo Senado, fez um levantamento sobre repartições e programas na área de saúde. Chegou à conclusão de que havia órgãos supérfluos, com vários deles incumbidos da mesma tarefa, e de que os programas eram lançados e relançados sem compromisso de execução.

Esse quadro foi o mesmo identificado por Aderbal Jurema, também outro notável senador, em relação à política de abastecimento. São várias repartições que se confundem e se atrapalham, como há, também, centenas de programas superpostos. Deve ser um setor fascinante, um desafio à inteligência, como provam as dezenas de pedidos que o senador Alexandre Costa tem recebido para cargos de direção da SAB, que não paga bem.

A Operação Desmonte, trilhado futuro de reportagem de Arnolfo Carvalho, visa modificar esse quadro com a extinção ou transferência para estados e municípios de inúmeros programas dispensáveis. Houve uma época neste País em que foi moda criar autarquias, depois passou-se para fundações, sociedades de economia mista e empresas públicas, que instituíram subsidiárias de subsidiárias. O TCU vem alertando contra esses abusos desde os ministros Wagner Estrela Campos e Luis Galotti, no início da década de 70, mas, como não tem poder, sua pregação caiu no vazio.

O que pretendem os ministros do Planejamento e da Fazenda com essa operação é um reequacionamento administrativo que terá de ser feito um dia. Napoleão, um gênio, dizia que só podia ter sob suas ordens sete linhas de comando. No Brasil, o Presidente da República tem 27 ministros e outro tanto, no mínimo, de presidentes de empresas, passando até por cima dos ministros. Admitindo que precise de duas horas por semana para cada ministro, sobraria-lhe á pouco tempo para examinar as questões antes de decidir e ouvir os setores da sociedade. Isso não esquecendo que os áulicos têm seu direito.

Bastaria tal mudança para justificar a Operação Desmonte. Como, porém, além dessa alteração, ela pretende extinguir gastos inúteis, pode-se dizer que nasceu morta. Um fato lamentável, sem dúvida.